

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL E DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA

UNILAB

MÁRCIA NASICMENTO PEREIRA

INTEGRAÇÃO DOS ALUNOS AFRICANOS E BRASILEIROS NA UNILAB

REDENÇÃO - CE
2016

MÁRCIA NASCIMENTO PEREIRA

INTEGRAÇÃO DOS ALUNOS AFRICANOS E BRASILEIROS NA UNILAB.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB) como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. **Luís Tomás Domingos.**

REDENÇÃO - CE
2016

**Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira
Diretoria do Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)
Biblioteca Setorial Campus Liberdade - BSCL
Catalogação na fonte**

Bibliotecário: Gleydson Rodrigues Santos – CRB-3 / 1219

-
- P492i Pereira, Márcia Nascimento.
Integração dos alunos africanos e brasileiros na UNILAB. / Márcia Nascimento Pereira.
Redenção, 2016.
44 f.: il.; 30 cm.
Monografia do curso do Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.
Orientador: Prof. Dr. Luís Tomás Domingos.
Inclui gráficos e referências.
1. Ensino superior - Cooperação internacional. 2. Ensino Superior integração. I. título.

CDD 378.104

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luís Tomás Domingos
(ORIENTADOR)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Carlos Subuhana

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof.^a Andrea Cristina Muraro

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus;

A minha família;

Ao meu orientador;

A meus companheiros de residência e colegas da Universidade;

Aos entrevistados pela paciência e o tempo cedido.

A todos que ajudaram de forma direta ou indireta no decorrer da pesquisa.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
METODOLOGIA.....	11
CAPITULO I - INTEGRAÇÃO E SUAS DIVERSAS FORMAS DE MANIFESTAÇÕES E INTEGRAÇÃO COMO PROCESSO DE DIÁLOGO	13
INTEGRAÇÃO EM ALGUNS ESPAÇOS FORA DA SALA DE AULA.....	16
A INTEGRAÇÃO A MODA BRASILEIRA	18
INTEGRAÇÃO PARA OS ESTUDANTES AFRICANOS.....	19
INTEGRAÇÃO PARA OS ESTUDANTES TIMORENSES	20
CAPITULO II - PRECONCEITOS OU CHOQUES CULTURAIS?	21
DESCONSTRUINDO OS PRECONCEITOS SOBRE O PROCESSO DE ESCRAVIDÃO	23
DESCOLONIZANDO AS MENTES DOS ESTUDANTES SOBRE A INTEGRAÇÃO.....	28
ELEMENTOS QUE CHAMAM A ATENÇÃO	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	42
ANEXO.....	46

GRÁFICOS

GRÁFICO 1 TOTAL DE ALUNOS, NACIONALIDADES	40
GRÁFICO 2 NÚMEROS DE MULHERES E HOMENS ENTREVISTADOS.....	40
GRÁFICO 3 QUANTIDADE DE ALUNOS QUE AFIRMAM QUE HÁ INTEGRAÇÃO E QUE NÃO HÁ INTEGRAÇÃO.....	41

RESUMO:

O objeto a ser estudado é a integração dos estudantes africanos e brasileiros na UNILAB. Pesquisamos como acontece essa relação de convivência entre os alunos africanos e brasileiros, abordamos como ocorre o processo de integração, como se relacionam, se conhecem; principalmente a integração em sala de aula, no momento das refeições, dos intervalos de aula, entre outros espaços sociais. Isso na visão de um conhecimento de um período de dois anos, de fevereiro de 2014 a novembro de 2016, na cidade de Redenção e Acarape no estado do Ceará. A metodologia foi a princípio, uma pesquisa bibliográfica com artigos e livros sobre o tema, não foi fácil encontra-los, mas persisti. Posteriormente seguiu-se a pesquisa de campo com entrevistas de perguntas abertas, foram entrevistados vinte quatro estudantes de diferentes nacionalidades, menos moçambicanos, entre vinte e trinta e quatro anos. Mas no final da pesquisa evidenciamos que a interação não é fácil, é um processo contínuo, complexo.

Palavras-chave: Integração. Internacional. Relações. etno-raciais. Unilab.

ABSTRACT:

The object to be studied is the integration of African and Brazilian students into Unilab. We investigate how this cohabitation's relationship takes place between the African and Brazilian students, we approach how the integration process occurs, how do they relate, how do they know each other, mainly the integration in the classroom, at the moment of the meals, the class breaks, among other social spaces, this in the view of a knowledge of period of two years from February 2014 to November 2016 in the city of Redenção and Acarape in the state of Ceará. The methodology was initially a bibliographical research with articles and books on the subject was not easy to find them but persisted and later the field research with interviews with open questions, were interviewed twenty four students of different nationalities less Mozambican between twenty and thirty and four years. But at the end of the research we show that the interaction is not easy, it is a complex continuous process.

Keywords: integration. International. relations. Ethnic-racial. unilab.

INTRODUÇÃO

Para começar essa pesquisa, uma das motivações foi a primeira observação dos estudantes guineenses no primeiro dia de aula, principalmente a língua deles, chamou atenção um choque cultural que não compreendi a primeiro momento, com o tempo observei mais e junto com os questionamentos de alguns professores em sala e a interação com os estudantes internacionais diariamente, levou-me a adotar esse tema como pesquisa. Depois de um bom tempo e muito trabalho, abordarei os assuntos como a integração em alguns espaços sociais, o diálogo que ela exerce, como alguns estudantes brasileiros, africanos e timorenses entendem a integração proposta pela universidade. Tristemente não dá pra falar em interação entre os alunos sem falar de preconceito, devido nosso passado colonial, escravocrata, hierarquizado, mas tentando e com muito trabalho, a desconstrução desses estereótipos que persistem em pleno século XXI. A integração resumidamente definida, nas diretrizes da lei de criação da Unilab e no estatuto recentemente reformado, tem por objetivo principal os alunos adquirirem conhecimento, crítica, e levar essa crítica para os locais que estiverem, trazendo mudança social da realidade econômica, política, humana, educacional, ajudando no desenvolvimento de cada espaço que abrigarem.

A minha motivação para fazer essa pesquisa dá-se pelo fato de depois de muito questionar sobre o tema que iria abordar no trabalho de conclusão de curso, e querer fazer alguma coisa diferente e também pela experiência na Unilab no curso de Bacharelado em Humanidades por ser interdisciplinar e também pelos questionamentos de vários professores: “será que realmente existe integração na Unilab?”, o curso ajuda a conhecer muitas pessoas e a partir do segundo trimestre poder escolher o professor e por isso proporcionar conhecer muitas pessoas em um curto período de tempo, então comecei a pensar em um tema que eu gostasse, tivesse conteúdo sobre ele de fácil acesso, e tivesse sentido para a sociedade que ocupamos, não queria que fosse apenas um estudo teórico, mas real e que servisse de alguma forma para observar a realidade e criticar a sociedade que pertencemos, posteriormente fui escrevendo e lembrando tudo que observei de relevante desde o primeiro dia de aula e principalmente os estranhamentos, minhas primeiras fontes sobre o tema foram artigos na internet, livros, mas livros são pouquíssimos sobre a integração entre brasileiros e africanos, e com o tempo se observa com mais cuidado e acha-se aos poucos as obras que vão ajudando a

desenhar a pesquisa, com ajuda do orientador e dos companheiros universitários fui analisando realmente a tão difundida interação e integração na Unilab.

Já minha metodologia foi uma pequena pesquisa de campo com observação participante, e no capítulo I trago “Integração e suas diversas formas de manifestações e como diálogo”, pois é algo que para se ter eficácia precisa ter uma continuidade, integração e suas diversas formas de manifestações como na sala de aula, no restaurante universitário como o autor Goffman define a interação acontece com as pessoas com que nos sentimos mais a vontade para interagir como a relação entre parentes, ou na sociedade, cria-se grupos superiores ou inferiores, cada um dessas integração de pessoas formam identidades de igualdade ou separação, forma-se uma espécie de modelo, mas existe pressões que impedem as pessoas de se aproximar das outras, gerando assim consequências diferentes. (GOFFMAN, 1961, p.263)

Interações em alguns espaços fora da sala de aula trazem interações nos intervalos de aulas no restaurante universitário e nas festas universitárias. Integração a moda brasileira aborda um pouco de como os brasileiros em geral entendem a integração e a opinião de um dos primeiros alunos que aprendeu o crioulo de Guiné Bissau, integração para os estudantes africanos como eles interpretam a integração e integração para os estudantes timorenses a mesma abordagem. No capítulo II trago “Preconceitos e ou choques culturais”, a tentativa de entender como o preconceito está presente e indissociável da integração e se as duas ações ocorrem juntas ou separadas e as opiniões dos alunos sobre esses temas. Desconstruindo os preconceitos sobre processos de escravidão e colonização nos estudantes da unilab fala de como o preconceito está enraizado em nossas mentes e isso dificulta o processo da integração e descolonizando as mentes dos estudantes sobre a integração é uma tentativa de entender a integração e coloca-la em prática, elementos que chamam atenção, são como a língua e as expressões culturais, e por fim as considerações finais revelam o que aprendi na pesquisa.

METODOLOGIA USADA NA PESQUISA

Ao longo do nosso trabalho desenvolvemos pesquisa bibliográfica com artigos, trabalhos de conclusão de curso, livros e pesquisa de campo com métodos de observação participante quando o pesquisador deixar se envolver com a pesquisa. (CERVO, BERVIAN E SILVA, 2007, p.31). Bem determinada descritiva por relacionar os fatos sem manejar com observação. (CERVO, BERVIAN E SILVA, 2007, p.61).

A pesquisa foi realizada nos dois campos da Unilab de Redenção e Acarape, no período de dois anos, tempo disponível para o estudo, ela vai observar os fenômenos de determinada localidade a rotina estudantil como alguns dos contatos em sala de aula, nos intervalos, no restaurante universitário, e festas. Sem manipula-los procurará conhecer e compreender as relações caracterizadas pela seleção de amostras com certo número de alunos visando obter conhecimentos atuais. O delineamento será feito por levantamento, pois ela visa determinar praticas ou opiniões atuais de uma população específica. A amostra será de alguns estudantes dos diversos cursos da Unilab, entre 20 a 34 anos, das diversas nacionalidades. Será feita uma fundamentação teórica que vai mostrar conceitualização do tema Integração entre estudantes brasileiros e africanos em sala de aula na Unilab e seus acontecimentos. O anonimato das entrevistas se dá para a preservação a não exposição da identidade de cada participante, o respeito pelos entrevistados, alguns usados na pesquisa denominei com nomes de plantas encontradas no nordeste do Brasil. Fizemos as entrevistas com perguntas abertas tem um certa liberdade e igual dificuldade.(CERVO, BERVIAN E SILVA, 2007, p.53)

Primeiramente para iniciar as entrevistas foram dois guineenses, os conhecia, erámos colegas de sala e perguntei se poderia entrevista-lo e ele disse sim, o segundo também e entrevistei em sala de aula, foi tranquilo com a maioria dos guineenses que entrevistei. O primeiro contato foi pela sala de aula, os cabo-verdianos alguns também eram colegas de classe e outros conheci no decorrer do tempo no “RU” (restaurante universitário) e no grupo de estudos, assim como os e angolanos. Os santomenses, consegui entrevistar dois, um homem e uma mulher, assim como os timorenses, entrevistei apenas dois nesse tempo todo. Outros tentei pelo facebook, algumas das

nacionalidades convidei pelo facebook para a entrevista, e os timorenses mandei até e-mails mas não mim responderam até hoje, moçambicanos uma colega que fez um trabalho parecido com esse mim entregou o contato pelo facebook e whatsapp também não mim responderam, apenas entrevistei duas mulheres brasileiras e internacionais três de nacionalidades diferentes, observei que as mulheres principalmente as estudantes estrangeiras são muito fechadas na sua cultura nos seus grupos de interação social, e que sem dúvida alguma isso dificultou o acesso a um maior número de entrevistadas do sexo feminino, as entrevistas ocorreram exclusivamente na Unilab no pátio no espaço de convivência, no restaurante universitário no campus dos palmares, no total foram 24 entrevistados nomeados pelas letras de “A a X”, 5 guineenses (quatro homens e uma mulher), 5 caboverdianos (todos homens), 5 angolanos (uma mulher e quatro homens), 5 brasileiros (três mulheres e dois homens), 2 santomenses (uma mulher e um homem) 2 timorenses (homens) e nenhum moçambicano.

A primeira etapa constatou as relações entre estudantes africanos e brasileiros nos diversos ambientes da universidade como restaurante universitário, sala de aula e festas. Segunda etapa: A partir das observações adquiridas formulamos entrevistas para os alunos. Quarta etapa: vi os resultados, revi e observamos que nas entrevistas a grande maioria dos entrevistados se sentiu a vontade para falar de integração, foi um meio de expor o que eles pensavam uma libertação, analisei, e questionei com o orientador.

Começo a pesquisa com a seguinte pergunta: Como acontece a integração de estudantes brasileiros e africanos a partir do contexto se sala de aula na Universidade da Integração e da Lusofonia Afro-Brasileira de fevereiro de 2014 a novembro de 2016 na cidade de Redenção e Acarape, no Ceará?

CAPÍTULO I - Integração e suas diversas formas de manifestações e Integração como processo de diálogo

Nas diretrizes a integração se destaca:

Dados a missão e os objetivos da UNILAB e tendo em vista potencializar a interação acadêmica na perspectiva da cooperação solidária, a Comissão de Implantação buscou identificar áreas de temas de importância estratégica para o desenvolvimento da universidade, fomentando a interação e fundamentando a estrutura acadêmica e organizativa. (DIRETRIZES, 2010, p.14).

No pensamento de uma aluna:

A prática de esportes e os momentos de lazer estão como se vê trazendo benefícios aos universitários da Unilab, na promoção da integração e ajudando na aproximação dos estudantes. Esta intervenção faz-se necessária por causa das diferenças culturais existentes no contexto da universidade, porque essa constrói relações internacionais. (PARENTE, p.28, 2012)

O preconceito causa medo diante do outro, o “diferente”. Trazendo o pensamento de Gusmão:

O estranhamento diante do *outro* é uma constante e revela concepções naturalizadas, folclorizadas em meio a um imaginário que, socialmente construído, revela o lugar da África e dos africanos para os brasileiros. (GUSMÃO, 2011, p. 202).

Como diz Clifford Geertz:

como já invocamos Wittgenstein, podemos muito bem transcrevê-lo: Falamos...de algumas pessoas que são transparentes para nós. Todavia, é importante no tocante a essa observação que um ser humano passa ser um enigma completo para outro ser humano. Aprendemos isso quando chegarmos a um país estranho, com tradições inteiramente estranhas e, o que é mais, mesmo que se tenha um domínio total do idioma do país. Nós não *compreendemos* o povo. (e não por não compreender o que eles falam entre si) não nos podemos situar entre eles. (2011, p.10)

A integração de estudantes africanos e brasileiros na Universidade da Integração Internacional e da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), acontece pela junção dos países como Brasil principalmente o estado do Ceará e alguns dos países africanos tais como Moçambique, Angola, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe os países PALOP e também o Timor leste, países africanos de língua oficial portuguesa na cidade de Redenção localizada no interior do Ceará marcada pela relação histórica que teve quanto a abolição da escravidão no Ceará e rica na plantação de cana de açúcar, e monumentos que representam essa história do tráfico de escravos, também desenvolve o artesanato, e a grande maioria dos alunos vem dos municípios que fazem parte do Maciço de Baturité. Como fala os autores: “A integração social, cultural e científica desses universitários possivelmente contribuirá para o aumento da cooperação cultural e científica entre o Brasil e o país de origem desses estudantes”. (GARCIA e GOES, 2010, p. 138)

Antes de tudo, na cultura brasileira na maioria das vezes existe preconceito quanto algo ou alguém. As relações de convivência entre os alunos africanos e brasileiros na Unilab se dá frequentemente na sala de aula, é o local onde eles se observam muitas vezes, a roupa, o cabelo, a fisionomia, a personalidade e a aparência, os brasileiros em sua maioria, a primeira vista estranham o modo de falar o crioulo, quando falam pela primeira vez eles se assustam pelo tom elevado de voz. Como trata Morais e Silva:

Os dados produzidos durante a pesquisa indicam que a discriminação racial é sofrida em várias situações, dentro e fora das duas universidades. Na UnB, os relatos sobre práticas de racismo sofridas dentro da universidade são mais frequentes, principalmente depois do incêndio em três apartamentos de estudantes africanos em março de 2007. Na USP, apenas um estudante afirmou ser vítima de racismo dentro da universidade e especialmente no Crusp (Conjunto Residencial da USP); a maioria disse que não vê possibilidade de acontecer algo como o que se passou na UnB. Alguns estudantes sugerem que no Brasil o preconceito é velado. (MORAIS e SILVA, 2011, p.6).

Em seguimento vem a interação, o momento do trabalho em grupo e que em alguns grupos vemos a nítida divisão dos estudantes africanos, mas quando vemos um branco no meio, pensamos, a integração está acontecendo? Se a pele é mais clara, por exemplo, moreno claro, é brasileiro ou cabo verdiano? Já que tem a pele mais clara, isso porque desconhecemos que existem africanos brancos mesmo sabendo disso, o preconceito não acaba. E ele pode suavizar, isso depois de muitas reflexões, e a

diferença da cor da pele chama muita atenção, mesmo depois de muito tempo que o regime colonial acabou, quando acabará o preconceito, e por que não acabou? Alguns professores levantam esse questionamento, em alguns grupos há mistura de estudantes que é o ideal, mas infelizmente essa separação é evidente e triste, algumas vezes estão com os estudantes africanos apenas porque eles sobraram, são raras as salas em que interação de alunos de diferentes nacionalidades, com os brasileiros especialmente nas salas de maior número de alunos, isso acontece devido o preconceito do período da escravidão, da divisão de classes, diferenças entre negros e brancos, a inferiorização, como por exemplo, alguns aspectos do regime nazista, a discriminação, subalternização do negro como ressalta Conceição Evaristo na obra *Questão de pele* antologia (2009, p.23):

A condição dos africanos e seus descendentes como “corpos escravos” “objetos a serem usados” no período escravocrata deixou as suas consequências no pensamento e na organização social até os dias de hoje experimentando outras formas de exclusão os afro-brasileiros ocupam um lugar incomodo na sociedade brasileira.

E como destaca Florestan Fernandes:

[...] as relações raciais passam a ser entendidas como estruturas sociais e modelos de exclusão; impasses efetivos para que o país construísse uma ordem democrática e promovesse uma integração efetiva. (FERNANDES, 2007, p.17)

Essas pessoas preconceituosas, elas sempre vão está fechadas perdendo a grande chance de conhecer as ricas culturas, pessoas incríveis, pessoas que com um simples olhar vão te ensinar muito e que gerará uma amizade inesquecível, continental, como propõem a diretrizes gerais da Unilab:

[...] Tanto os estudantes residentes no Brasil quanto os provenientes dos países parceiros residirão no campus universitário de Redenção/CE, ou em outras unidades da UNILAB, permitindo formação em tempo integral e convívio, aprendizagem e integração sociocultural de forma permanente. (DIRETRIZES, 2010, p.34).

Observando os cabelos femininos que usam e abusam da criatividade e as roupas típicas que são belíssimas, isso tudo representa a cultura, a rica diversidade. Como ressalta Lívio Sansone:

(...) os negros procuram relaciona-se com os não negros a partir de uma posição de força. Nas duas últimas décadas os símbolos e artefatos associados a cultura negra tornaram-se mais visíveis do que nunca : as cores do axé, os tambores do olodum, os penteados rastafári a roupa em estilos inspirados na África e a roda de capoeira, para citar apenas os exemplos mais destacáveis (Margolis, 1994; Frigerido e Hasenbalg, 1998, apud, SANSONE, 2007, p.27).

INTERAÇÕES EM ALGUNS ESPAÇOS FORA DA SALA DE AULA

Nos intervalos entre uma aula e outra, se nós quisermos entender uma gota dos cinco países africanos que a Unilab abriga é um dos momentos certos pra se enriquecer culturalmente. Depende de cada um de nós, cada pessoa desconstruir a colonização, aos poucos ter curiosidade tanto da parte do brasileiro como do africano e dos timorenses, conhecer um pouco da cultura do outro, deixando o medo e o preconceito de lado, tendo atitude, ações, manifestando-se, criando um diálogo básico de aproximação, essa será a base para começar certa amizade, por meio desse diálogo, mas também ouvindo e observando, se verá as diferenças na língua, no sotaque, as palavras que tem a mesma pronúncia e significado e as que têm mesma pronúncia e significado diferente, um pouco da cultura, ir atrás de conhecer, um momento de observação de como eles conversam usando uma das línguas deles. Há muitas formas de integração como destacada no trecho a seguir de uma aluna da Unilab:

Além disso, no grupo existe algumas regras que ajudam a reforçar a ideia de integração. Por exemplo, ao definir os times para competir, o coordenador sempre orienta que haja componentes de distintas origens (alunos do timor leste, Angola, Guiné Bissau ...)o que ajuda na aproximação (que as vezes é um pouco complicada por causa da língua), um fator que proporciona o exercício da convivência e do respeito (PARENTE, 2012, p.28).

No restaurante universitário “r-u” ainda existe divisões entre os estudantes, algumas poucas exceções existem alunos brasileiros que fazem a refeição junto com africanos existe intimidação no que os outros vão pensar, mas alguns africanos também têm essa mesma visão, o ideal é que eles convivam normalmente. É outro momento

riquíssimo pra se retirar a ignorância e ver que eles são iguais brasileiros, riem, dialogam.

No intervalo após o almoço na maioria das vezes o assunto a se falar das curiosidades que se tem sobre o outro continente, pergunta-se erroneamente se no lugar que os estudantes africanos moram só tem animais, se é apenas pobreza, os pontos turísticos, isso permanece devido como foi abordada a nossa pobre educação reprodutora e equivocada sobre África, quando se descobre a riqueza belíssima que a África tem ficam absurdamente admirados, há uma pequena parcela da perda da ignorância dos brasileiros, para apenas aqueles que se permitem abrir a mente para navegar nesse magnífico abundante continente, pois a África é um continente muito vasto, é possível que se enriqueça durante a graduação com um detalhe precioso dela a cada dia. Como evidenciado nas diretrizes e na lei da criação da Unilab:

Gerada em um contexto de cooperação Sul-Sul e, portanto, como instrumento de superação de desigualdades, de resgate de aprendizagens decorrentes do passado colonial e de construção de um futuro autônomo, o reconhecimento e respeito às diferenças será princípio de todas as atividades da UNILAB. (DIRETRIZES, 2010, p.26- 27)

§1º A Unilab caracterizará sua atuação pela cooperação internacional, pelo intercâmbio acadêmico e solidário com países membros da CPLP, especialmente os países africanos, pela composição de corpo docente e discente proveniente do Brasil e de outros países, bem como pelo estabelecimento e execução de convênios temporários ou permanentes com outras instituições da CPLP. (Lei de criação da UNILAB)

Em relação às festas, é a grande chance de “paquerar”, mas são com as mesmas nacionalidades que as relações ocorrem com mais frequência. Realçado por Gusmão:

[...] 1) os estudantes que se juntam para compartilhar uma moradia entre si, são, em geral, da mesma nacionalidade; 2) relações afetivas e sexuais mais duradouras, como namoros e casamentos e a geração filhos, geralmente se desenvolvem entre pessoas da mesma origem nacional; e 3) restaurante universitário e a festas, alunos de uma mesma nacionalidade tendem a interagir de forma sensivelmente mais intensa. (GUSMÃO, 2011, p. 10-11).

Nenhuma festa que participei até hoje, seis festas, não foram festa de independência dos países, os africanos não usaram suas roupas típicas, mas sempre as roupas de padrão americano as que já se constituíram como uma hegemonia ao contrário do que aborda Gusmão:

A função social da festa está em *matar a saudades* dos países de origem, mas não só. Nas festas que organizam, além de reverem amigos, estreitam laços de amizades, podem usar suas roupas típicas sem receio de se destacarem dos demais e ser alvo de observações constrangedoras, de reprovação, de estranhamento e exotismo. Por sua vez, constituem momentos fundamentais de afirmação identitária e coletiva enquanto *comunidade africana* como se referem ao coletivo de estudantes. [...] principalmente as mulheres, com seus penteados diferentes, com muitas formas e cores. [...] Ao ritmo do som da música africana de origem, embalada pelo batuque, danças típicas são apresentadas. (2011, p.199-200).

Sobre a questão de integração, que significa interagir com o outro, abrir a mente para o novo, o diferente, é ter um diálogo, deixar acontecer, deixar fluir, não ter medo do que os outros vão pensar quando se está conversando com os africanos, deixar o preconceito de lado, as aparências, é aproveitar essa bela oportunidade que a Unilab propõe que algumas vezes não acontece, pois fomos educados por pensamentos arcaicos, reprodutores da discriminação, não permitem essa ação acontecer, os estudantes africanos alguns que chegam enfrentam vários problemas, não tem lugar pra morar, e ainda tem que se familiarizar com uma cultura completamente diferente apenas com uma língua em comum e tem que enfrentar a saudade dos parentes e amigos do país de origem é um aventura, um desafio em busca da independência econômica, acadêmica. Enfatizando Costa: “(...) mas atento para o fato de que essa integração é difícil, mas é extremamente necessária, afinal a universidade tem como promessa a integração internacional” (p.26, 2012).

A Integração a moda brasileira

Os brasileiros, os que acreditam que há integração, ela consiste no entendimento cultural dos outros, no diálogo, em estudar junto, nas conversas nas festas e no “R-U”, mas o brasileiro que mais se integrou até hoje e que é conhecido por isso respondeu a seguinte pergunta: Pra você existe integração como a Unilab propõem? E o que é integração pra você?

No meu ponto de vista o que ela propõem não existe será que a unilab propõem integração entre os alunos? Cadê a iniciativa? Fatores também não parte estudantes e professores alguns não tem a iniciativa de integração motivos pessoais individuais precisa de incentivos, unilab projeto não avançam [...],si

integrar brasileiro com brasileiro a integração é um mito será que os brasileiros integram entre si? Os guineenses? Os angolanos? Posterior e internacional? (Brasileiro B, 20 anos)

Integração para alguns dos estudantes africanos

Vejam o que eles argumentaram:

Informante K:

Eu acho que não acontece como a Unilab propõe porque a integração vai além da mistura só da gente né (sic) é cada um se aproximando do outro conhecendo a pessoa a realidade da pessoa compartilhar essa realidade com a pessoas é isso que eu entendo como integração. De fato a integração não é nada fácil de acontecer depende muito da pessoa muita dedicação mesmo pra isso acontecer não é nada fácil". (Guineense C, 24 anos)

Informante G:

Bem mostrado, não tá (sic). Existe sim uma parte, sempre dividido brasileiros com brasileiros e uma parte também existe mostrar uma cultura convivência. Integração é mostrar algo diferente pra pessoas diferentes meus costume e hábitos diferentes tem que socializar houve essa função um certo caso não vai ficar com tanta timidez com essa diferença, não é algo doutro mundo, integração é interagir com a cultura diferente ver a pessoa como ela é". (Cabo-verdiano C, 20 anos)

Informante E:

Dentro da sala de aula pode dizer que sim, mas as vezes dentro da sala de aula por exemplo na rua nos pátios nem tanto mas tem integração aqui, mas não é aquela integração que agente se espera assim entre as nacionalidades porque normalmente cada nacionalidade tá (sic) dividida em seus grupos uma nacionalidade tá no grupo uma tá no outro a não ser as meninas convivem mais. É conviver uns com os outros sem preconceito sem dificuldade assim por exemplo mesmo não sendo da mesma nacionalidade no caso da unilab mas serem amigos como se fossem de uma mesma nacionalidade". (Cabo-verdiano D, 22 anos)

Informante J:

Eu diria que. até esse exato momento não existe integração porque nós precisamos de muitos elementos pra constituir a integração porque integração por exemplo não é só está os estudantes na Unilab fazendo trabalho em grupo de diferentes nacionalidades entender as culturas...independente da raça ou da religião diria que não existe pois a Unilab não propõem o lugar de diálogo entre os estudantes e pra compartilhar entre eles desde a elite desde o ponto máximo da administração da Unilab desde os professores como os estudantes, por que se estamos falando de integração temos que pegar todos esses elementos para poder, porque integração não é só dos estudantes, mas o principal foco que você tá falando e dos estudantes pra mim não existe porque não tem esses elementos, pode existir pela boca né, não tem muita gente que já

tão integrando mas na prática não existe não tem um canal de diálogo não existe diálogo entende? Então eu diria que não existe pode existir amanhã mas até hoje não existe é. Integração é onde você brasileira e eu africano guineense nós vamos compartilhar alguns momentos não é todos os momentos como muitos pensam então, integração tem que ser em todos os momentos tem que se abraçar não!, por exemplo se a Unilab propões palestras todo mundo entrelaça as culturas em questão da arte cada um vem mostrar a sua ,Márcia não é só quando a gente chega no R-U por exemplo quando pega a comida e senta na mesma mesa e comer já é integração não isso não...etimologicamente isso não é integração, a integração tem que se basear nesses fatores que eu acabei de elencar ter um canal de diálogo de palestra de debate onde cada qual vai expor a sua opinião então não é só quando a gente fica assim conversando mas tem que ser aqui na nossa cabeça mas pera pouco não é só quando a gente convive na sala de aula quando a gente faz o mesmo trabalho não agente pode pensar isso mas não ,eu diria um exemplo muito claro o Gislailsom um exemplo muito claro, eu sempre quando falo de integração eu pego o exemplo dele onde eu vou fazer o meu embasamento ou seja onde eu vou para defender a minha teoria ou seja as minhas palavras eu vou no caso do Gislailsom isso é lindo ele não escolheu moçambicano, santomense ele se integrou com todos e quando você fala com duas nacionalidades você diz que se integrou porque a Universidade é internacional, isso que é integração você não pode integrar com todos não, mas te, que integrar com o máximo é isso. (Guineense E, 25 anos)

Integração para os estudantes timorenses

Na visão de um estudante entrevistado:

Vimos aqui como lugar da integração conviver com os outros essa convivência é menos de 50%. Agente conversa com os outros as dificuldades dos outros, só fala não aplica a integração, isso que conhece dificuldades linguagem como o português numa disciplina tentou melhorar o português muito difícil o brasileiro e alguns africanos falam, sotaque diferente, pronuncia diferente, primeiro dia não sabia de nada, primeira chegada aqui, convivência, a convivência a vivencia a comida muita coisa, não consigo falar. (timorense A, 24 anos)

CAPÍTULO II - PRECONCEITO OU CHOQUES CULTURAIS?

A interação entre alguns africanos e brasileiros na maioria cearenses do interior, a relação entre africanos e brasileiros desde a colonização foi fragmentada devido principalmente ao preconceito racial existe outros como de classe social, religião entre outros mas vou destacar o preconceito pela cor da pele, a ideia de superioridade racial os brancos supostamente seriam os que tinham poder os negros não, isso é o que aprendemos na escola ideias estritamente equivocadas, pois se sabe que no período da colonização houve muitos negros ricos e brancos que foram escravizados, há um pensamento de exclusão do negro, visto que essa exclusão é tão grande que ela ainda existe, foi tão bem feita que nossa mentes quando vemos um negro bem sucedido ficamos assustados a ignorância persiste. Faz-se propagandas imensas, enquanto um branco é normal, mas por quê? Porque é o melhor, enquanto o negro é o pior, o errado tudo de ruim, esse pensamento é redondamente ignorante e colonizado como traz Morais e Silva:

Carlos Subuhana (2005) discute a maneira como os estudantes moçambicanos começam a entender que, no Brasil, o negro pertence a uma classe social baixa e é discriminado pela “tonalidade de pele”. O autor indica que no Rio de Janeiro muitos estrangeiros apontam o preconceito racial como uma das principais e mais insidiosas causas de incômodo no cotidiano da sociedade brasileira. As práticas de racismo sofridas por esses estudantes revelam que no Brasil eles são confundidos com o “negro brasileiro” e essa identificação é sentida por muitos como um tipo de negação de seu pertencimento nacional. (MORAIS e SILVA,2011,p.7).

O ideal é entender essas ideias arcaicas erradas e ridículas, preconceituosas. Analisar que ainda não foram esquecidas, infelizmente, pois hoje em dia já fez e faz parte de parcelas da nossa cultura está na nossa mente como destaca Goffman:

[...] cada agrupamento tende a conceber o outro através de estereótipos limitados e hostis a equipe dirige muitas vezes vê os internados como amargos, reservados e não merecedores de confiança; os internados muitas vezes veem os dirigentes como condescendentes, arbitrários e mesquinhos. Os participantes das equipes dirigentes tendem a serem superiores e corretos; os internados tendem, pelo menos sob alguns aspectos, sentir-se inferiores, fracos, censuráveis e culpados. (1961,p.19)

Perguntando as pessoas que entrevistei vejam o que mim argumentaram em relação sobre o preconceito na Unilab: “As relações entre os estudantes ainda reina o preconceito?”

“Sim ou mais ou menos, porque acho porque as pessoas sentem vergonha de achar que os outros não vão aceitar o seu jeito de ser”. (brasileiro R, 20 anos)

“Gera bastante pode não ser assim visível mas ela gera muito preconceito”.(angolana M,22anos)

“Eu diria que não pois te elementos que gostam de morar com outra nacionalidade até do mesmo país eles brigam as vezes isso é um fato que constatei na Unilab.(angolano O,25 anos)”

“Não muito mais ainda existe”. (brasileira L, 20 anos)

Eu diria que essa relação esse caso que agente chama muita gente não entende porque temos o preconceito temos discriminação e temos o racismo esses três fatores que muita gente não consegue as vezes desmistificar cada conceito no seu lugar então essa relação que fala os estudantes reina o preconceito 100% reina o preconceito porque quando você nação quer chegar perto do outro eu diria que isso é preconceito quando você vai achar a sua religião a sua cultura é mais que o outro então isso é preconceito eu tô (sic) dizendo no caso do estudante tanto os estrangeiros quanto os nacionais entende, preconceito é isso uma ideia preconcebida do sujeito dentro da sua cabeça eu sou diferente dele então não quero ficar perto dele até injurias existe preconceito”.(guineense J,24 anos)

Realmente existe preconceito e cada vez esse preconceito se torna acelerada e cada vez esse tipo de preconceito de discriminação racial tanto discriminação linguística afetam vocês sofrem diariamente esse preconceito e nós por exemplo sofrem diariamente esse preconceitos na rua não só no espaço que convive nós podemos sofrer preconceito numa certa instituição no banco na lojas e nos supermercados etc, então o preconceito e discriminação são coisas criadas são coisas inventadas pelos outros porque não existe preconceito não existe branco, preto, existe seres humanos realmente o que que nós temos que pensar, temos que pensar nessa política de dividir a raça inferior a raça superior são políticas totalistas prioritárias são políticas de classes podemos dizer que são mais civilizadas então se nós percebermos esse foco que você falou são realmente devidamente entender a primeira faze eu sinto que tenho um amigo africano e hoje aquele amigo africano mim isolou sem explicar sem falar comigo eu também não vou falar com ele, não eu vivi com aquele africano mas parece que ele tem uma doença o olhar da África é olhar pessimista é olhar péssimo é olhar do africanos tem a única faze que são conflitos em convivência em olhares que são uma coisa positiva, olhares brasileiros desculpa a expressão são olhares que são povos de uma forma provocante que são povos “facim” de namorar que são povo realmente que não tem obstáculo pra se fazer amizade, então essa fase entra num pressuposto aí leva entre aspas que você

nós somos injustos perante nós somos mais obstáculos em fazer integração que vocês. (guineense, F,23 anos)

“Ainda existe, vem uma nova entrada sem aquela convivência, mas os que já estão aqui não tem, a maioria e que você estuda e entram novos ai gera preconceito”. cabo-verdiano G, 20 anos)

Aqui na Unilab não acho que não, se tiver não é visível porque é visto que tem pessoas que tem o seu modo de viver a sua forma de está então isso é diferença particular de cada pessoa então pode ser que uma pessoa gosta de tá num certo modo então acontece aquele afastamento por respeito a sim mas aqui não vejo não.(cabo-verdiano D,23 anos)

Olha aqui você nem acredita mas tem preconceito até com africano com africano porque eu sofri preconceito com africano mesmo cuma guineense ela disse que eu não sou puro eu não sou nada que eu não sou nem branco nem negro eu não sou que eu sou resto de branco aqui tem muito disso mas raramente você escuta isso de uma brasileira eu nunca escutei de um brasileiro eu já sofri preconceito mais de uma vez mas só de africano mesmo.(cabo-verdiano E,22 anos)

“Claro mais pelo brasileiros para os africanos existe mais essa presunção de como é o comportamento dos africanos modo de viver acho que e ainda existe é e mais pelo fato dos brasileiros”. (guineense A, 23anos)

“Tem, tem preconceito como é obvio todo mundo é preconceituoso é difícil se ausentar”. (guineense B,22 anos)

O preconceito é complexo, é uma doença que se impregnou na sociedade brasileira e persiste tristemente, todo o processo histórico e social atual reforça essas ideias, tristemente é impossível falar de integração entre os alunos na Unilab sem tratar desse tema acentuado por Fernandes:

[...] a existência de uma forma particular de racismo: “um preconceito de não ter preconceito”. Ou seja, a tendência do brasileiro seria continuar discriminando, apesar de considerar tal atitude ultrajante (para quem sofre) e degradante (para quem a pratica) [...] (FERNANDES,2007,p17).

DESCONSTRUINDO OS PRECONCEITOS SOBRE PROCESSOS DE ESCRAVIDÃO

Consequências da colonização, o preconceito de cor, de língua, classe social, o medo, o estranhamento pelo dito diferente dito como não comum na sociedade brasileira, inferiorizado, o negro. A nossa ignorância acentua essa situação e com a mídia, a família para enfatizar e tornar mais difícil esse processo. Uma das frases mais ricas da obra de Gilberto Freyre destaca a realidade do brasileiro muito difícil de se aceitar:

Todo brasileiro, mesmo o alvo, de cabelo louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo há muita gente de jenipapo ou mancha mongólica pelo Brasil a sombra, ou pelo menos a pinta, do indígena ou do negro. No litoral, do Maranhão ao Rio Grande do Sul, e em Minas Gerais, principalmente do negro. A influencia direta, ou vaga e remota, do africano. (FREYRE, 2006, p.367).

Pensemos no preconceito do brasileiro pelo tom de pele, na discriminação, isso tudo foi gerado e persiste pela colonização dos portugueses e europeus. Pensamos novamente em qual o padrão de beleza, quem dita a moda, o que os livros da educação básica mostram sobre cultura brasileira e africana, tudo ao nosso redor é colonização o brasileiro já nasce colonizado, e nem percebe se não sabemos se quer o que é colonização, imagina reconhecemos que somos eternos colonizados se não observamos o nosso entorno, se não criticamos o que não achamos certo, e não tomamos atitude para mudar não se muda. Sobressaindo as ideias das autoras seguintes:

[...] A interiorização pode, a rigor, levar á alienação e a negação da própria natureza humana para os que nasceram escuros, oferecendo-lhes como único caminho de redenção o embranquecimento físico e cultural, trilhado pela miscigenação e pela mestiçagem cultural como todas ideologias ,o branqueamento precisaria ser reproduzido através dos mecanismos de socialização e da educação. Neste sentido, a maioria da população brasileira, negra e branca, introjetou o ideal do branqueamento, que inconscientemente não apenas interfere no processo de construção da identidade do ser negro individual e coletivo, como também na formação da autoestima geralmente baixíssima da população negra e na supervalorização da população branca. (PIZA, ROSEMBERG, NOGUEIRA, BARAUNA, & SANTOS, 2014, p.11)

Como belamente Munanga enfatiza: “[...] No lugar de uma sociedade totalmente branca, ideologicamente projetada, nasceu uma nova sociedade plural constituída de mestiços, negros, índios, brancos e asiáticos, cujas combinações em proporções desiguais dão ao Brasil seu colorido atual.” (p.15, 1999) Como Kabenguele Munanga questiona devemos refletir: [...] O que significa ser “branco”, ser “negro”, ser “amarelo”

e ser “mestiço” ou “homem de cor”? (p.18,1999). Seguimos manipulados, adestrados, disciplinados pelo modelo europeu enquanto não reconhecemos nossa identidade, nossos ancestrais negros, indígenas e africanos, independente do tom de pele.

Essa pesquisa mostra que a grande dificuldade de haver integração acontece pelo fato que mesmo depois de tanto tempo o brasileiro desconhece desvaloriza a cultura afro-brasileira, ou seja, a própria identidade, mesmo tendo todas as características físicas cor da pele, influenciado pela mídia a família e a sociedade ele não enxerga ser um afrodescendente mesmo não tendo a cor característica está no DNA, todos esses povos de suma importância para a formação do povo brasileiro que ajudaram para a construção do Brasil através de sua força dedicação e sofrimento. Como os autores dão ênfase:

[...] Quando precisam mostrar uma família, um jovem ou uma criança, todos os meios de comunicação social brasileiros usam classe que exclusivamente o modelo branco Freud identifica a expressão do amor a si mesmo, ou seja o narcisismo, como elemento que trabalha para a preservação do indivíduo e que gera aversões ao que é estranho, diferente. É como se o diferente o estranho ,pusesse em questão o “normal”, o “universal” exigido que se modifique, quando se autopreservar remete exatamente a imutabilidade. (PIZA, ROSEMBERG, NOGUEIRA, BARAUNA & SANTOS, 2014, p.30)

Essa visão que temos do negro de explorado, de dominado, gera um grande preconceito, discriminação. Preconceito por não conhecer e julgar e discriminação por inferiorizar as raças as condições de vida, os negros os brancos os miscigenados principalmente africanos e brasileiros no período da escravidão construíram uma parte riquíssima da construção da história que não deve ser esquecida como um fato qualquer e sim como um acontecimento histórico fundamental para o desenvolvimento do Brasil em sua própria história por mãos africanas. O negro nunca foi valorizado no Brasil inclusive nas escolas públicas e até privadas não deve ser diferente é visto como ingênuo, bobo, primitivo, não civilizado, como na visão do colonizador a maioria dos brasileiros pensam assim daí esquecemos que surgimos deles o mais interessante é que pensamos que não temos preconceito, mas no momento das ações. Resumidamente os autores discutem:

[...] Evitar fortalecer o branco é evitar discutir as diferentes dimensões do privilégio mesmo em situação de pobreza o branco tem o privilégio simbólico da brancura, que não é pouca coisa. [...] Na verdade, o legado da escravidão para o branco é um assunto que o país não quer discutir, pois os brancos saíram da escravidão com uma herança simbólica e concreta extremamente positiva, fruto da apropriação do trabalho de séculos de outro

grupo. (PIZA, ROSEMBERG, NOGUEIRA, BARAUNA & SANTOS, 2014, p.27).

Dá ênfase há uma questão que a integração dos alunos não segue devido a inferiorização do africano, tristemente presente ainda nos dias de hoje até escondida e algumas famílias escondem ou não dão importância a sua descendência africana, tem medo de falar, devido um pensamento já instalado de geração para geração um pensamento cultural já distorcido, enraizado e que não se procura mudar nem tem - se curiosidade de saber por que ele é assim.

Esse trabalho indica que não valorizamos de nenhuma forma a cultura afro-brasileira e isso interfere inteiramente, pois a nossa cultura já foi treinada para pensar assim, nas escolas não se exploram muito menos em casa prova disto é que existe muitos poucos trabalhos sobre esse assunto, cada um de nós buscando aos poucos nos desmistificarmos tentando sempre expandir essa ideias tem que se fazer uma pesquisa muito vasta abordando as riquezas da África, infinitas já que o continente é imenso e extremamente rico, mostrando sua unicidade.

Nós desconhecemos a cultura afro-brasileira, temos medo de conhecê-la, do contato físico com africano, sempre em algo temos ignorância no caso da maioria dos brasileiros esse aspecto é mais profundo na falta de conhecimento sobre a origem do negro dos nossos antecessores, implantado desde sempre. Como aponta as autoras:

“ O estudo de Azevedo evidencia como o ideal do branqueamento nasce do medo, constituindo-se na forma encontrada pela elite branca brasileira do final do século passado para resolver problemas de um país ameaçado, majoritariamente não branco. PIZA, ROSEMBERG, NOGUEIRA, BARAUNA & SANTOS, 2014, p.32).

Lilian Schuwarcz traz um contexto histórico bem rico sobre esse tema:

[...] Jeca Tatu, o conhecido personagem de Monteiro Lobato, que enquanto mestiço, pobre e ignorante, de certa forma representava a condição vivenciada pela maioria da população brasileira .Em 1918, porém em o problema vital, Lobato parece ter mudado de posição quando, desviado a atenção para o problema racial apresentava Jeca Tatu não como o resultado de uma formação híbrida mas como o fruto de doenças epidêmicas. (1993, p.249).

Contudo, lamentavelmente há professores que não entendem como sucede essa concentração de diversas culturas porque não procuram entender o contexto geral dos países africanos envolvidos e tem o olhar errôneo deles e isso acaba refletindo no comportamento de alguns estudantes brasileiros. Como focalizado por Fernandes:

A inferioridade social do negro é fartamente expressa em várias situações do nosso folclore. Essa inferioridade, todavia, não é simplesmente constatada, pois se chega a dar aos atos da vida social dos pretos um significado deprimente e pejorativo, estabelecendo-se uma espécie de distinção entre esses atos e os mesmos quando praticados pelos brancos. (p.232-233, 2007).

A Unilab causa espanto pela forte presença cultural principalmente pra quem desconhece as culturas africanas como muitos brasileiros cearenses por conhecerem só o lado inverso negativo da África. Como salienta Zamproni: “(...) no entanto a marca da escravatura e da hegemonia obscurecem essa realidade. Esta farsa de olhar e não ver, ou não querer ver, está plenamente estampada no ensino brasileiro (...)” (1995, p.1)

A integração se construirá a cada dia dependendo de cada um dos integrantes da imensa e ao mesmo tempo pequena Unilab, se ela não tivesse vindo pra Redenção muitos brasileiros nunca iam saber a imensa riqueza que a África tem, nunca mesmo.

A grande dificuldade de haver integração entre brasileiros e africanos é devido um passado já enraizado equivocadamente pela posição do negro desde a colonização até hoje por isso Kapenguele Munanga está completamente certo: “Parece simples definir quem é negro no Brasil. Mas num país que desenvolveu o desejo de branqueamento não é fácil apresentar uma definição de quem é negro ou não”. (2004,p.52).

O modelo de democracia racial falado por Gilberto Freyre traz a ideia de que o Brasil não tem preconceito, não tem discriminação é neutro, mas não tem nada de neutro já que o preconceito persiste nas relações de integração entre raças persiste até os dias atuais. A convivência entre africanos e brasileiros a primeiro momento é estranha causa espanto, medo, devido um acompanhamento escolar da história africana deficiente, mas é muito rica para quem se deixa fluir é essencial à troca cultural. Seguimos o que Florestan diz:

Temos de aprender a não expurgar os diferentes grupos raciais e culturais do que eles podem levar criadoramente ao processo de fusão e unificação, para que se atinja um padrão de brasilidade autenticamente pluralista, plástico e revolucionário. (2007, p.36)

O preconceito e a discriminação causa divisão de lugares de pensamentos de ações. Essas intensas relações entre brasileiros e africanos, está realmente clara as diferenças de culturas que é uma belíssima interação, é uma troca cultural e ao mesmo tempo um choque cultural, representa a nova visão ampla do que o mundo tem a oferecer, a intensa diversidade que temos do desconhecimento do outro. Inteligentemente as autoras apontam:

O preconceito racial é um fenômeno de grande complexidade. Por isso, costumo compara-lo a um iceberg cuja parte visível corresponderia as manifestações do preconceito, tais como as práticas discriminatórias que podemos observar através dos comportamentos sociais e individuais. Práticas essas que podem ser analisadas e explicadas pelas ferramentas teórico-metodológicas das ciências sociais que geralmente exploram os aspectos e significados sociológicos, antropológicos e políticos, numa abordagem estrutural e \ou diacrônica. (PIZA, ROSEMBERG, NOGUEIRA, BARAUNA & SANTOS, 2014, p.9).

DESCOLONIZANDO AS MENTES DOS ESTUDANTES SOBRE A INTEGRAÇÃO

Temos que nos permitirmos a conhecer o real significado da colonização algo extremamente delicado na sociedade brasileira, passando dessa fase o que resta para os personagens atuantes da Unilab e principalmente para os estudantes brasileiros entender o preconceito, a discriminação pela cor de pele, dialogar, entender os estudantes internacionais, qual o objetivo deles, de onde vem ouvi-los, observa-los, conhece-los e para os internacionais também, igualmente a comunidade local, social. No Brasil acredito que tem umas regrinhas que seria o preconceito, na minha interpretação isso associando a definição de Goffman:

Em primeiro lugar, existe as “regras da casa” ,um conjunto relativamente explícito e formal de prescrições e proibições que expõe as principais

exigências quanto á conduta do internado . Tais regras especificam a austera rotina diária do internado. Os processos de admissão, que tiram dos novatos os seus apoios anteriores, podem ser vistos como a forma de a instituição prepará-lo para começar a viver de acordo com a regras da casa. (1961, p.50)

A frente se começa as amizades, “ficas”, namoros, e quem sabe dar descendência a afro-brasileiros nesse espaço extremamente cultural, a Unilab com as trocas de conhecimento, de experiências de vida, os relacionamentos, as diversas interações, e afinal a tão sonhada e complexa integração. Comparando ao espaço social que Goffman traz:

Presumivelmente, todas essas restrições de contato ajudam a conservar os estereótipos antagônicos. Desenvolve-se dois mundos sociais e culturais diferentes, que caminham juntos com pontos de contato oficial, mas com pouca interpenetração. É significativo observar que o edificio da instituição e seu nome passem a ser identificados tanto pela equipe dirigente como pelos internados como algo que pertence á equipe dirigente, de forma que quando qualquer dos grupos se refere as interpretações ou aos interesses “da instituição”, implicitamente se referem (tal como falei) ás interpretações e aos interesses da equipe dirigente. (1961, p.20)

A melhor parte da integração dos alunos é conhecer culturas completamente diferentes, línguas, pessoas, estilos, personalidades, experiências únicas da Unilab. Como fala uma das entrevistadas que está há três anos e meio estudando na Unilab, brasileira de 34 anos, sobre o processo de integração no restaurante universitário:

Informante x:

O R-U eu acho que é um dos lugares que é aquele momento,é um dos lugares que ajudam nesse processo não é algo dado, algo que vai sendo conquistado diariamente, e acredito que é um momento que você esta conversando com outras pessoas nas mesas podem ser mistas nos sentidos de varias nacionalidades numa mesa só mesmo também acredito que em certos momentos os grupos estão fechados mim refiro a grupos, mim refiro a nacionalidades, pode está fechado então posso te dar um exemplo a questão do crioulo de início quando eu cheguei poxa porque que os meninos estão falando crioulo? A gente fica assim meio sem entender é uma resistência, a língua é uma resistência, guardar desse povo e com o tempo eu fui percebendo como é importante pra eles mas por exemplo vai ter momentos que vários meninos conversando em crioulo eu não vou conversar com eles por conta da barreira da língua, porque nesse sentido eu não vou entender o que eles estão falando, mas isso não mim impede que algum momento aconteça por exemplo uma pausa algum momento queria conversar e traz a língua que nos temos em comum que é a língua do colonizador mas de certa forma acaba unindo diferentes povos.

Como destacado por Stuart Hall:

(...) De acordo com essa visão, que se tornou a concepção sociológica clássica da questão, a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo como os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses oferecem. (2011, p.11-12)

Como destaca Bauman e May:

A socialização nunca cessa nossas vidas. Por essa razão os sociólogos distinguem estágios de socialização (primário, secundário e terciário) que produzem formas de interação complexas e transformadoras entre liberdade e independência. Por exemplo em algumas situações quem foi criado em pequenas comunidades rurais, pode se sentir perdido em uma cidade estranha, na qual a indiferença dos desconhecidos produz sentimento de desamparo exacerbado pelo volume de tráfego, pelas multidões em correria e pela arquitetura; risco e confiança se misturam então em diferentes graus, para potencializar ou minar o que o sociólogo Anthony Giddens chamou de “segurança ontológica” (2010, p.47).

Elementos que chamam atenção

Vou destacar o crioulo que foi um dos elementos que causaram estranhamento, choque cultural a princípio o primeiro dia de aula, pelo tom elevado de voz dos estudantes guineenses e pela língua desconhecida ignorantemente por nós estudantes brasileiros, é uma língua misturada da língua africana e portuguesa entre outras, e observando a definição encontrada no site Wikipédia:

Uma **língua crioula** é uma língua natural que se distingue das restantes devido a três características: o seu **processo de formação**, a sua **relação com uma língua de prestígio** e algumas **particularidades gramaticais**. Uma língua crioula deriva sempre de um pidgin, que não é uma língua natural, mas apenas um sistema de comunicação rudimentar, alinhado por pessoas que falam línguas diferentes e que precisam se comunicar. É errada a ideia de que as línguas crioulas sejam dialetos, *sem gramática*, *corruptelas* ou *uma mistura* de outras línguas (normalmente europeias)

A língua crioula chama atenção para a cultura dos estudantes guineenses por serem a maioria na unilab, São Tomé por estudantes jogarem futebol mas na programação de sua independência se destaca:

[...]Na terça-feira (12), a programação com atividades culturais envolve o grupo de danças tradicionais de São Tomé e Príncipe, com apresentação de Puíta, a Ussúa, a Deixa, o Bulauê e o Betôdo, desfile de trajes tradicionais do cotidiano

santomense, amostra gastronômica típica, músicas do grupo A.Se.Front, Dimas Teixeira “Kapivara” com os Mozangola e “Bomu Kélé” do grupo Os Calema, além do grupo de teatro e recital de poemas e mostra audiovisual, apresentação de trabalhos, fotos e vídeos.”[...] (site da Unilab)

E Cabo-verde se destaca por grupos de jovens cantores, já existem cursos com duração de uma hora por semana do crioulo de Guiné Bissau, Cabo-Verde e São Tomé, mas as outras nacionalidades presentes não ficam esquecidas pois a Angola traz suas músicas dentre as quais se destaca a Kizomba que está presente em todas as festas que fui dos universitários e até nos bares que os estudantes frequentam, houve uma espécie de adaptação de gostos, de cultura, de integralização das músicas. O Timor Leste o que também se exalta sua a culinária nas festas de independência. Não se esquecendo de Moçambique, porém uma das nacionalidades mais discretas e não menos rica.

Como aborda Guimarães sobre o crioulo:

Os pidgins são línguas resultantes de uma relação de línguas diferentes e que funcionam entre falantes de línguas maternas diferentes para as finalidades específicas dos contatos entre eles. Os crioulos são também línguas resultantes de uma relação de línguas diferentes e que se estabilizam como língua materna de um grupo específico de falantes. Deste modo o crioulo passa a ter um funcionamento generalizado que pode chegar a ser como o das línguas que o produziram. (p.23, 2005)

Como releva Yeda Castro sobre as línguas em África: “A África onde são faladas mais de 2.000 mil línguas é um continente que engloba quatro grupos etnolinguísticos ou quatro famílias de povos com suas línguas respectivas.” (p.17, 2012)

O interessante desse fato é que um dos primeiros brasileiros aprendeu o crioulo em apenas sete meses de convivência, o contato, a influencia dos estudantes guineenses junto com a vontade e o interesse a curiosidade. Perguntado sobre esse fato ele respondeu que tem a missão de ensinar as outras pessoas o crioulo, porém é um dos bolsistas dos cursos de crioulo, devido sempre está com os novos discentes e ter curiosidade, ter habilidade de falar rápido, de ouvir músicas nativas e ser um garoto aberto a mudanças, perguntado sobre como foi esse processo de aprendizagem do crioulo com os guineenses ele afirmou:

Informante (Cacto): bom, quando eu cheguei na universidade no meu primeiro dia de aula eu percebi quando eu estava estudando, eu não tava estudando apenas com brasileiros, estava em torno da minha sala nove estudantes de Guiné Bissau, ou seja guineenses ,então fui pra casa e quando eu voltei eu pensei já que eu estou na universidade da integração ,até ai tudo bem, mas que seja Internacional ,e que seja da Lusofonia Afro-Brasileira que tal eu tentar conhece uma nova cultura uma nova língua é , na Unilab? então no meu segundo dia eu fui pro campo do palmares, e eu falei conversei com estudantes de Guiné Bissau, e disse assim: eu quero aprender ,eu quero conhecer o teu país, eu quero saber como é o polo de cultura em seu país a etnia, como é que gera a situação financeira??!,bom conhecer o seu país, a partir dessa iniciativa eu comecei a conversar com ele, eu comecei a conhecer muitas coisas apenas conversando com ele, mas como o meu objetivo é fazer a diferença, eu mim percebi que se eu falasse com ele, estava faltando alguma coisa para que meu objetivo de fazer a diferença seja resolvido então eu pensei: se eu falar com ele em português um brasileiro pode chegar também e perguntar em português, então ai eu não estou fazendo nenhuma diferença, eu tô igual aquele brasileiro então eu pensei que tal eu falar com ele na língua dele? a partir dessa iniciativa do terceiro dia de aula ,eu disse assim eu quero aprender a tua língua, então eles começaram a mim falar algumas coisas achei muito difícil no início, então eu comecei a escrever, o meu processo o meu contato com os estudantes guineenses começou apenas da iniciativa que eu tive de aprender de conhecer Guiné Bissau, de conhecer a cultura a etnia [...]

Qual a parte mais interessante na língua?

Informante (Cacto): O que eu acho mais interessante no crioulo de Guiné Bissau é o que aprende, eu sempre digo aprender uma língua africana é diferente de aprender um inglês um francês, que muitas pessoas aprendem pra profissional, pra trabalhar, aprender uma língua crioula tem contato com a identidade da pessoa do estudante, ou seja do guineense ,aprender o crioulo você não tá aprendendo apenas o crioulo

pra se comunicar, naquele crioulo também é encontrado uma identidade pra se comunicar, começa a falar em identidade aprender o crioulo começa a conhecer a cultura africana, começa a conhecer a realidade do país dele porque e como eles viviam lá, e isso você não aprende no inglês no francês e isso até mesmo profissionalmente, e com a língua africana você entra em contato e como se estivesse lá e estivesse no meio deles ,conhecer eles a partir do momento que eu tive contato com a língua, o mais interessante é isso a partir disso tive contato com quase todos estudantes na universidade, pelo simples fato da língua fazer você enxergar horizontes, como por exemplo a etnia a religião deles eles começam a se abrir a partir do momento que aprende o crioulo pra mim isso é muito interessante.

Como você define o crioulo, a língua?

Informante (Cacto): defino o crioulo como a língua que pode ser misturada, o crioulo de Guine Bissau é uma mistura do português dos portugueses, português do Brasil que foram quando colonizados de Portugal, é uma mistura do francês, do inglês é uma mistura de todas as línguas étnicas de Guiné Bissau ,cada etnia tem uma língua então o crioulo hoje tem essa mistura completa, então a língua oficial como nos sabemos dos países hoje de língua oficial portuguesa é o português ,mais incrível que pareça apenas treze por cento da população de Guiné Bissau fala português, e quarenta e sete por cento fala crioulo, então hoje a luta deles é pra que o crioulo torne-se a língua oficial de Guiné Bissau, é interessante você perceber o que já que a língua oficial do país é o português e por que apenas treze por cento falam português? Esse é o caso de Guiné Bissau que tem o crioulo e fora a parte também tem as línguas étnicas que todos falam .

Você pretende ter um estudo específico do crioulo futuramente?

Informante (Cacto): Bom, hoje um ano que já estou na universidade já aprendi crioulo bastante, pretendo mim aprofundar referente ao crioulo,

não tenho um plano de estudo, eu tenho um plano referente ao país Guiné Bissau que eu possa também tratar a questão do crioulo, tenho planos pra Guiné Bissau, pra tentar conhecer o trabalho da realidade do país, mas ainda não tenho, mas no meu trabalho posso focar a questão da língua ,do ser dos estudantes guineenses que estão na diáspora no Brasil.

Destacando Inocêncio:

Para o Brasil que se configurou como uma sociedade ocidentalizada, a ideia de cultura sempre esteve associada a determinados marcos, como, por exemplo, o domínio da escrita. Em função disso, civilizações milenares africanas foram subestimadas por se constituírem em sociedades ágrafas. Além do mais, as experiências compartilhadas no Novo Mundo entre grupos étnicos africanos, sequestrados do continente de origem, se sustentaram frequentemente no registro oral. Portanto, falar de memória das coletividades negras implica a identificação de mecanismos não ocidentais de manutenção dessa memória. A tradição oral está presente nos espaços de interação da população negra. (2006, p.3)

Também já houve a primeira greve dos estudantes na Unilab, inicialmente devido ao atraso dos auxílios, mas o que seria uma simples greve durou uma semana onde os alunos entravam nas salas de aulas e impediam que as aulas acontecessem e foi a chance de colocar pra fora tudo que estavam pensando, na grande maioria os alunos africanos que não tinham ajuda dos pais aqui no Brasil saíram com sonhos de seus países e na verdade a realidade é outra as pessoas que divulgava a Unilab, houveram erros de comunicação, quando chegam aqui se decepcionam com a pequena cidade, sem lazer, e saúde pública. Evidenciando Gusmão:

[...] estudantes, tanto em Brasília como em São Paulo, alegam ser as novelas brasileiras da Rede Globo de Televisão um grande motivo para querer estudar no país. As imagens relacionadas ao Rio de Janeiro ficam tão arraigadas na mente dos estudantes, que quando chegam a Brasília ou a São Paulo, é grande a surpresa com a nova realidade que lhes salta aos olhos, como o frio paulistano, as favelas, ou o fato da capital do país não possuir mar e praias. Mesmo quando o estudante entra em contato com as histórias de pessoas que já estiveram aqui, é através das novelas que se criam, em grande medida, o referencial do que eles pensam que encontrarão. (2011, p.12).

A Unilab é isso, uma riqueza, pois é o local de contato entre as diferentes culturas onde descobre-se pessoas, línguas diferentes, estilos de vestir, um novo contexto social de relações que deve ser analisado e observado a cada dia, com

brasileiros, cearenses, moçambicanos, cabo-verdianos, guineenses, santomenses, angolano e timorenses, por ser internacional, por ter a proposta da integração, da junção, do acolhimento; uma experiência nova, pois existe poucas universidades no interior do estado como já citado anteriormente, mas nenhuma internacional e que abriga algum dos países lusófonos e que os alunos também sejam do interior do estado, a cada dia nós todos se redescobrimos aprendendo a lidar com um novo contexto social e aprendemos na Unilab como suavizar o preconceito do tom de pele, a discriminação da raça, em quanto estudante, crescer academicamente. Mas tem pessoas que acreditam que não há integração:

[...] baseando-se em tais pontos, discordo, de uma forma geral, da afirmação de que a Unilab é uma universidade da integração internacional em sua prática, no cotidiano dos alunos. Não há uma junção cultural de estrangeiros e brasileiros. Aqui a preferência é por nacionalidade, tanto na sala de aula quanto fora dela. veja como exemplo a situação dos alunos timorenses um problema bastante enfrentado por eles é uma espécie de exclusão por parte de algumas pessoas, pois língua, principal meio de comunicação, não é por eles falada fluentemente, por diversos motivos que não importa aqui serem abordados. (COSTA, 2012, p.26).

A integração entre estudantes africanos e brasileiros deve ser estudada cautelosamente e com muito cuidado e requer muito tempo de observação, analisei em sala de aula também, pois é um dos espaços mais interessantes, devido ter um curto espaço de tempo e por ser um contexto social novo por abrigar estudantes africanos.

É importante, pois é um assunto que está no cotidiano de estudante de professor e mesmo assim é pouco analisado, refletido. É uma realidade cheia de mistérios, de curiosidades ainda não exploradas, importantíssimas. É necessária ao nosso conhecimento, escondida como uma relíquia os momentos, os pensamentos, o ser humano em suas diversas facetas, um trabalho de campo em uma universidade extremamente multicultural diversa inexplorada, a universidade no interior do Ceará onde o sonho de estudar em uma Universidade era completamente distante vem tornando-se aos poucos realidade.

Todo esse desconhecimento do outro se verifica pelo fato de não buscarmos o conhecimento, prova disto é que existem pouquíssimas obras feitas na visão de brasileiros sobre africanos, como ressalta Luena Nunes Pereira:

A área de ciências sociais, entretanto, tem sido o de mais lento desenvolvimento nos estudos africanos, comparativamente com a história e literatura pela ausência de linhas de pesquisa e áreas de concentração voltada para o tema. A área da arte africana tem raríssimos especialistas no Brasil. (2004, p.172)

Com um modelo de universidade nova para quem nunca se movimentou pela Unilab, conhece-la causa muita curiosidade, pois é uma universidade no interior do Ceará, até existe outras universidades no interior do Ceará como a UFC e UECE localizadas em Quixadá, mas é uma cidade mais desenvolvida que Redenção e tem mais pontos turísticos. Redenção além de ser no interior é uma cidade pequena, simples e facilita o acesso de outros estudantes de outras comunidades muito mais simples e pequenas como as cidades de Aratuba e Mulungu no maciço de Baturité, isso vai trazer conhecimento para diversos jovens filhos de humildes agricultores, domésticas, muitas profissões que os pais pensariam que seus filhos iriam seguir a mesma que eles, muitos dos alunos são os primeiros da família que entraram numa universidade pública, a universidade faz o crescimento cultural crítico principalmente se for a Unilab tem a proposta de está situada em uma região carente com a interiorização da educação superior com a integração dos países PALOP, tem a ideia de ensino, pesquisa e extensão, disseminando o saber e o desenvolvimento social formando cidadãos que visa também o desenvolvimento econômico e social.

Infelizmente em todas as relações com mais de duas pessoas de culturas diferentes existe preconceito, mas abordarei aqui as relações de convivência que são muito complexas e nós demoraremos bastante tempo pra enxergar como isso acontece temos que ter uma visão mais ampla crítica delicada para observar os detalhes pra entender isso.

A Universidade da Integração Internacional e da Lusofonia Afro-Brasileira como muitos falam por aí é um laboratório que tem muita coisa pra se aprender a cada dia um acontecimento pode modificar sua essência pra melhor a qualquer momento pode acontecer greves, movimentos sociais, é uma universidade que só tem cinco anos de existência, está engatinhando, se organizando. Têm muitas descobertas, inovações pela frente a serem realizadas.

Hipóteses iniciais

Mostrar como ocorrem algumas relações de convivência entre os estudantes africanos e brasileiros na Unilab, verificar se ocorre integração facilmente, quem mais demora em se integrar se é o africano ou o brasileiro, se ainda há muito preconceito, discriminação, medo do diferente, mostrar o que se aprende no primeiro contato entre as culturas.

Evidencia que relações entre os estudantes, ainda reina o preconceito o racismo na maioria das vezes. É uma péssima herança cultural que se perpetua que não se sabe até quando, é algo ruim, doloroso, frio que intimida a pessoa que sofre o preconceito fica fragilizada, entristecida e a pessoa que pratica é por pura ignorância. Relevando Zamproni: “O que imperava nas colônias era o racismo mais desvelado e a manutenção de forma de trabalho compulsório mais ou menos dissimuladas” (1995, p.4)

Minha meta é mostrar como intercorre-se algumas relações entre os estudantes brasileiros e africanos em sala de aula e algumas consequências dessa integração; entendê-la, esclarece-la, mostrar uma parcela de como acontece.

A palavra integração no contexto da Unilab significa conhecer, interagir, com as outras pessoas que nós consideramos diferentes sem ter medo de conhecê-la, se permitir, abrir a mente, assim se terá uma visão bem mais crítica do mundo e nós também iremos nos conhecer. Como enfatizado por HALL:

(...) A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, a medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar ao menos temporariamente. (2011, p.13)

Como toda junção de ideias diferentes vinda de pessoas de diferentes lugares certo momento que se ver algo errado analisando esse fato surge reivindicações essas que podem se transformar em revoluções, greves que apenas dessa forma há mudança da realidade. Uma universidade nova é como um experimento que se testa a cada dia, se cresce, se organiza e os alunos são os principais atuantes dessa instituição.

Essa pesquisa indicou também que os africanos e brasileiros tem receio para se integrarem, os brasileiros por causa do medo gerado pelo preconceito devido a herança colonial de ambas as partes, do choque de culturas principalmente no modo de se vestir de falar, é só o brasileiro ter a ação de falar de sorri de olhar com mais cuidado que tudo

acontece, começa a suavizar a grande barreira do preconceito. Como Lilia Schwarcz falou na apresentação do livro de Florestan Fernandes: (p.23, 2007,) “[...] A verdadeira obra não é a que termina, mas é aquela que continua e não deixa colocar um confortável ponto final.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Meu objetivo mostrar aspectos da integração em diferentes espaços na Unilab, a integração dos alunos na Unilab ocorre naturalmente o processo vai acontecendo a partir do momento em que o brasileiro fala com os estudantes africanos e *vice-versa*, então perde-se o medo de falar e começa uma razoável amizade, infelizmente, existe medo devido o preconceito ainda predominante, por ser algo diferente outra cultura outros modos de falar e vestir. No entanto cada ser humano é único, cada etnia, cada sociedade, assim como cada estudante, professor, trabalhador da Unilab. Aprendi nesse trabalho nunca generalizar o ser humano cada ser é único particular, individual cheios de mistérios a serem descobertos. Aprendi com todo esse trabalho ser mais humana. A Unilab é multicultural e intercultural pela presença de diferentes culturas, o esforço para se integrar, tem que ser um esforço contínuo e consequente, porém reforço que é muito difícil, mas não impossível, só depende de cada um, não adianta as diretrizes, minicursos se não nos permitimos abrir nossa mente para o que denominamos como novo, o diferente, então só basta aproveitar essa riqueza, ou desperdiça-la. Cada ser atuante na Unilab principalmente os alunos aqui abordados tem uma concepção feita de integração, cada um pratica do seu jeito a integração, cada um tem uma forma própria de se integrar, então cabe a cada um praticar da melhor forma a sua integração. Integração é respeito e interação e algumas pessoas nunca vão se sentir integradas pois muitos criam significados diferentes para a integração alguns mais intensos e outros mais suaves. Então o respeito, a curiosidade e a mente aberta são a base da integração.

GRÁFICOS

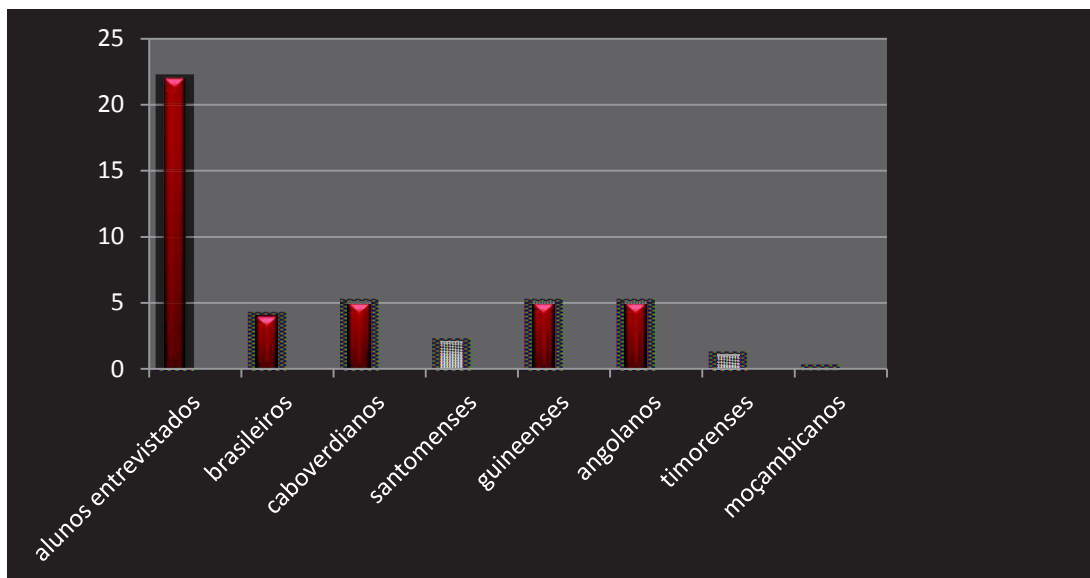


Gráfico1 - total de alunos, nacionalidades.

Fonte: pesquisa *in loco*

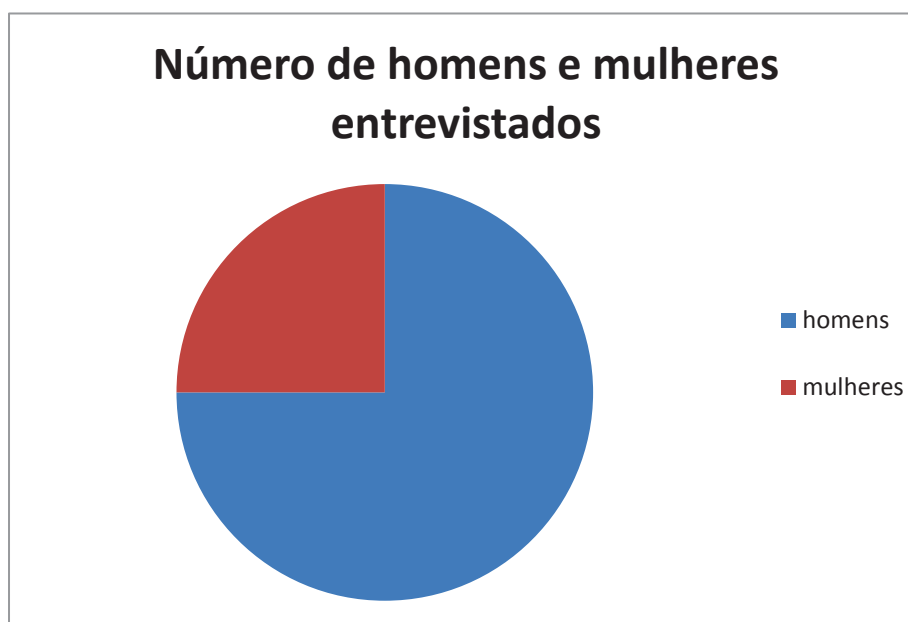


Gráfico 2: Número de homens e mulheres entrevistadas

Fonte: pesquisa *in loco*



Gráfico 3: Quantidade de alunos que afirmam que há integração e que não há integração.

Fonte: pesquisa *in loco*

1. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zigmunt & MAY Tim. **Aprendendo a pensar com a sociologia**. Tradução Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

CASTRO, Pessoa Yeda. das línguas africanas ao português brasileiro. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/3667/1q12121212.pdf>>. Acesso em: nov. de 2014.

CERVO, Amanda luiz, BERVIAN, Pedro Alcino, SILVA, Roberto, da . **Metodologia científica**. 6.ed. São Paulo: Pearson Pretice Hall,2007.

COSTA, DA OLIVEIRA. Erica Suliane. **Integração de alunos brasileiros, africanos e timorenses na unilab. Polifonias 2ºed**. Unilab. p. 26. 2012. REVISTA, 2012. Polifonias (PET Humanidades e letras (Léia Cruz de Menezes, Valdinar Custódio Filho e João Batista Pereira, org), 2.ed. polifonias.2 ºed. volume. p. 26-27, 2012, março. Disponível em: < www.pethl.unilab.edu.br>. Acesso em: jun. 2015.

DIRETRIZES, Gerais da Unilab. Disponível em: www.unilab.edu.br. Acesso em:16 de abr de 2015.

EVARISTO, Conceição. **Questão de pele**. Rio de Janeiro: UFMG, 2009.

FREYRE, Gilberto, 1900-1987. Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal / Gilberto Freyre; apresentação de Fernando Henrique Cardoso. 51º ed. rev. - São Paulo: Global, 2006, (Introdução á história da sociedade patriarcal no Brasil; 1).

FERNANDES, Florestan. O negro no mundo dos brancos/ Florestan Fernandes; apresentação de Lilia Moritz Schwarcz. 2. ed.revista- São Paulo: Global, 2007.

GEERTZ, Clifford 1926. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

GARCIA, Agnaldo; GOES, Dominique Costa. Amizades de estudantes africanos residindo no Brasil. *Psicol. teor. prat.* [online]. 2010, vol.12, n.1, pp. 138-153. ISSN 1516-3687. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872010000100012&lng=pt>. Acesso em junho de 2015. Acesso em: abr. de 2015.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1961.

GUIMARÃES, Eduardo. **Brasil: país multilíngue**. Cienc. Cult. vol.57, nº. 2. São Paulo Apr./June 2005. Disponível em:
<http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=3DS0009-67252005000200014%26script=3Dsci_arttext>. Acesso em 16 de abr de 2015.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. **Na Terra do Outro”: presença e invisibilidade de estudantes africanos no Brasil, hoje**. Disponível em:
<dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3724752.pdf>. em Acesso: jun de 2015.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade** .11 ed, RJ: DPe A, 2011.

INCÊCIO, Nelsom. **Saberes e fazeres**. Disponível em<<http://201.86.212.89.static.gvt.net.br/destaques/dh/subsidios/dher08/Texto%202%20-%20Saberes%20e%20fazeres.pdf>> Acesso em: out de 2014.

Língua crioula. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/L%ADnguas_crioulas. Acesso em jun de 2016.

MORAIS, Sara Santos ; SILVA, Cristiane Kelly. **Estudantes de países africano de língua oficial portuguesa nas universidades brasileiras: tensões de sociabilidade e dinâmicas identitárias** . Disponível em:<http://www.academia.edu/1869976/Estudantes_de_pa%C3%ADses_africanos_de_l%C3%ADngua_oficial_portuguesa_nas_universidades_brasileiras_tens%C3%B5es_de_sociabilidade_e_din%C3%A2micas_identit%C3%A1rias> : Acesso em jun de 2015.

MUNANGA, Kabenguele. **A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil**. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142004000100005&script=sci_arttext> Acesso em: jun de 2015.

MUNANGA, Kabenguele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**, Petrópolis, RJ, vozes, 1999.

PARENTE, Helem. **O esporte e o lazer na promoção da integração dos alunos da unilab. Polifonias 2ºed**. Unilab. p. 27-28.2012. REVISTA, 2012. Polifonias (PET Humanidades e letras (Léia Cruz de Menezes, Valdinar Custódio Filho e João Batista Pereira, org),2.ed.polifonias.2º ed. volume .p.26-27 ,2012,março.Disponível em:< www.pethl.unilab.edu.br>. Acesso em: jun 2015.

PEREIRA, Luena .**O ensino e a pesquisa sobre a África no Brasil e a lei 10639** .Disponível em:<http://capoeiravadiacao.org/attachments/273_O%20Ensino%20e%20a%20Pesquisa%20sobre%20%C3%81frica%20no%20Brasil%20Lei%2010.639%20-%20Luena%20Nunes%20Pereira.pdf>.Acesso em: out de 2014.

PIZA, Edith. Fulvia, ROSEMBERG. Baptista, Isildinha. NOGUEIRA, Botelho, P.M.L, BARAUNA, Rodrigues, R.M,SANTOS. **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil.6.ed.Petrópolis,RJ:vozes,2014.**

Programação de independência de São Tomé e Príncipe. Disponível em:><http://www.unilab.edu.br/noticias/2016/07/07/comemoracao-do-41o-aniversario-de-independencia-de-sao-tome-e-principe-acontece-a-partir-desta-segunda-feira-11/> Acesso em jul de 2016.

SANSONE, Lívio. Negritude sem Etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil. Salvador: EDUFBA,2007.335 p.

SCHUWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças; cientistas, instituições e questão racial no Brasil.** São Paulo: Companhia das letras, 1993.

VEREDAS, Zaproni, Valdemir. **Os estudos africanos no Brasil.** Disponível em<<http://www.casadasafricanas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/08/Os-Estudos-Africanos-no-Brasil-Veredas.pdf>. > Acesso em out de 2014.

ANEXO I

Entrevistas

- 1) Pra você existe integração entre os alunos como a Unilab propõem? E o que é integração para você?
- 2) Existe um local que a integração ocorra melhor?
- 3) A integração ocorre facilmente? Quem mais demora para se integrar se é o africano ou o brasileiro?
- 4) Como é conviver como estudar, com outra cultura?
- 5) O “ru” ajuda na integração? como?
- 6) As relações entre os estudantes ainda reina o preconceito?
- 7) A maioria das relações ocorre entre a mesma nacionalidade ou nacionalidade diferente?
- 8) a maioria dos brasileiros tem uma visão distorcida do estudante africano?
- 9) Continua a divisão dos estudantes africanos e brasileiros em trabalhos em grupo?
- 10) No primeiro trimestre de aula ambos os alunos brasileiros e africanos não entendem nada da língua do outro?